

## Festas Nicolinas

# PREGÃO DE S. NICOLAU

Aos estudantes velhos dedica, em preito de homenagem,

Um Estudante Novo.



Eis que de novo sons atroadores  
Fizeram vibrar tôda a atmosfera,  
E uma vez mais os bombos e atambores  
Disseram em alto tom que esta festa era  
Como um hino de vozes superiores  
Que anuncia o desfile da Primavera:  
Que as Festas Nicolinas sempre são  
A luz da graça e a voz da Tradição.

As nossas festas são hilariantes,  
Não há iguais — o resto é arremêdo...  
As nossas festas são maiores que dantes!  
No ólvido não podem cair cedo  
Porque na Guimarães inda há estudantes  
Que afrontam o perigo sem ter medo,  
Porque, na Guimarães, os "Capas negras"  
Inda cumprem da praxe as velhas regras.

As nossas festas são já seculares  
E a Tradição o fim seu não consente;  
As nossas festas são mui populares  
E assim viverão, pois, eternamente;  
Elas de nós são bem peculiares  
Para que ninguém ouse fazer frente;  
Pois risos de ironia gargalhantes  
Darão como resposta os estudantes.

Os heróis são eternos imortais,  
Os heróis filhos são da fama e glória;  
Os heróis não se pode esquecer mais,  
Pois dêles fala ativa a nossa História;  
Os heróis são espiritos geniais  
E alcançam, pela honra, sua vitória;  
Os heróis são aquêles que, algum dia,  
Deram insignes provas de ousadia...

E não serão, portanto, heróis também  
Os "Velhos" que, há cincoenta anos atrás,  
Num esforço supremo, indo além,  
Num esforço titânico e audaz  
Ressurgiram a Festa que ninguém  
De ressurgir 'tê ai fôra capaz?  
— Oh! eles são heróis, que por seu feito,  
M'recem veneração do nosso preito!

Co'a luta terminou o holocausto  
Que fez dos povos mar encapelado;  
A tirania deu o último hausto  
E o despota caiu aniquilado;  
O Mundo, êsse pobre Mundo exausto,  
Levantou-se da Terra ensanguentado  
— Porque acima da força está a Justiça —  
Oritando-A eterna, livre e insubmissa.

Depois de ter brandido o rijo aço,  
Atear o fogo a coisas de valor,  
Aos centos matar gente a cada passo,  
E alvoroçar os peixes de terror;  
Depois de ver monstros cruzar-o espaço  
Espalhando a tormenta e o horror,  
Essa luta sangrenta e pertinaz  
Findou co' a suspirada boa Paz.

Oh, sim! Ela voltou radiosa e bela  
Como a luz que ilumina a escuridão!  
Mas nem tudo voltou o que foi co' ela...  
Como sejam o arroz e o macarrão,  
E as batatas... cosidas na tabela;  
Não voltou o presunto e o feijão,  
Como o tal bacalhau da Noruega  
Que se servia às iscas numa adega;

Não voltou o tabaco e o belo azeite,  
Como o açúcar, o chá e o café,  
Os ovos, os pepinos e o leite...  
E não voltaram, meus senhores, até,  
As sardinhas que são um bom deleite  
E o mór prazer que é dado ao nosso Zé...  
Não voltaram as pencas e os nabos...  
Nada voltou... foi tudo p'ra os diabos!

Sòmente Baco teve compaixão  
Destá grande miséria e má desgraça;  
E mandou-nos um pouco, mas bem bom  
Vinho de casta pura e boa raça.  
Tónico benfazejo da nação,  
Ela o ingere por copo e não por taça.  
— Mas alto lá! saber beber a modo  
Porque senão esgota-se de todo.

Como agora só morre quem lhe apraz  
Podemos ficar cá para a semente.  
Destas coisas que só a ciência faz  
E o homem tornam mais que inteligente!  
Há um remédio, pois, tão eficaz  
— E tal o comprovou bastante gente —,  
Que sendo o maior passo em medicina  
Merece ter registro: — a *Penicillina*.

A nossa terra vive em bom progresso  
— E mais do que nunca ela o tem agora —,  
E' formidável, faz quasi um sucesso,  
O que se vê, meu Deus, a tôda a hora!...  
São os projectos bem dignos de aprêço,  
Um ideal que surge ou revigora;

E porque a grei a nossa Terra exalta  
Possuímos tudo, oh! nada nos falta!  
Temos da Praça a obra resolvida,  
A indecente carroça do correio,  
A Estação, lá ao cimo da Avenida,  
Num velho pardieiro sem asseio;  
Temos — e para tôda a nossa vida —  
Uma obra que findou quando inda em meio,  
E que recorda, a quem chegue de fora,  
Os efeitos das guerras más de agora.

Temos, sim, do «Vitória» o seu emblema  
Que nos diz ser de novo campeão;  
Tem-se da água o sério problema  
Que parece não ter já solução  
A não ser que, já na miséria extrema,  
Chuva venha a cair do pé prà mão...  
Quem o resolver certo, num papel,  
Receberá um prémio — o de Nobel.

Temos um bom Hotel, já projectado,  
Da «Garantia»; Parque p'ra crianças,  
Campo de futebol mui bem relvado,  
E um novo Matadouro... de esperanças!  
Mas se nos é dado olhar para o Passado,  
As dúvidas virão e as desconfianças,  
P'ra dizerem que êste ou outros projectos  
Reservados serão aos... nossos netos.

Temos também — progresso sem igual! —  
Uma Agência nocturna em informações  
Feita à esquina do «Banco Portugal»,  
Isenta de despesas ou... «palões».  
Ali podem saber tudo tal qual  
De cada um — a vida ou condições —;  
'tê, decerto por artes do Demónio,  
Saber quando casou o... nosso António.

Ao meio do Tournal, tão soalheiro,  
O velho Chafariz é... um relvado;  
Temos de Portugal, o Rei Primeiro,  
Junto do seu Castelo, todo irado  
Por à noite não ter um candieiro  
Com que se veja bem iluminado.  
Temos — como tudo isto me arrebatá! —  
Os cães pelos jardins a alçar a pata.

Estatutos, com já trezentos anos,  
A's tantas, meus senhor's, rezam assim:  
— «Por motivos ocultos e arcanos,  
Quem não tiver seis meses de Latim,  
Sapateiros, Caixeiros e Marçanos,  
Mensuradores de chita e de celim,  
Proibida lhes será, como vedada,  
Nas Festas Nicolinas a entrada».

E sendo justa a Lei, há que a cumprir.  
Deve pôr-se de fora êsse pessoal  
E que na festa não queira intervir  
Porque senão... 'staremos, então, mal.  
E se 'stá p'ra assim, não val' discutir.  
E' um dogma, um dogma bem real.  
Negócios, pois, à parte e sempre amigos  
Com paciência a haver... mas não há figos.

Lembra-se ao alfaiate o material  
Capaz, e que ao officio seu condiz:  
Ou sejam as tesouras e o dedal,  
As agulhas, as linhas e o giz;  
Que ponha tudo à mão, pois quando tal,  
Um p'riodo virá... assás feliz,  
Bem próprio p'ra ganhar muitas patacas,  
Em que só poderão... virar casacas.

Bizarras costureiras! a nossa alma  
Sente por vós sentida adoração!  
Por vós inquieta 'stá e sem a calma  
Que faça vislumbrar a sedução.  
Em graça nos levais a boa palma  
Que venha acalentar o coração.  
— Acalentai-o, pois, que se vos ama,  
Ardeis no calor de forte chama.

Senhoras! Vosso meigo e terno olhar  
E' o intenso foco que irradia  
Luz mais brilhante e clara que o luar  
Em noites belas, calmas de magia...  
Vosso sorriso grácil e sem par  
E' bálamo que a dôr nos alivia.  
Vós sois o sol da graça e da beleza  
E um dom alentador da Natureza.

Colegas, preparai-vos para a luta!  
Batei-vos por Minerva com ardor!  
Vossa vontade seja resolvida  
E Nicolau, no Céu, o Protector...  
Nos zabumbas cascai com fôrça bruta  
P'ra que estremeça o mundo co' o fragor,  
E pense que o trovão que assim ribomba,  
Tem o poder «atómico» da... bomba!

1945.

Joaquim do Amaral Pereira da Silva.